"SABE, eu venho pensando nisso há um tempo, mas... se eu sou como um gato, então você com certeza é como um cachorro."

"...O quê?" *Eu sou?*

Sem "oi", sem "como você está" — *essa* foi a primeira coisa que a Shimamura me disse depois que corri até a casa dela. Era porque eu estava suando e ofegante? Tenho quase certeza de que não era a primeira vez que ela fazia esse comentário.

"Hmmm..."

Ela cruzou os braços em contemplação e me observou. Eu continuei parada na entrada da casa dela, ainda de sapatos, piscando de volta para ela.

Eu não a via fazia dois ou três dias, então olhar para ela era como olhar para a lua — minha única observação foi: *Uau, que bonita.* Ela parecia tão vibrante e cheia de vida... ou será que era só porque fazia um tempo que eu não a via? Seu gosto estranho para camisetas, no entanto, continuava exatamente o mesmo. Hoje, ela estava vestindo uma com um enorme sanduíche de desenho animado na frente.

"Pensando bem, é melhor não."

Ela fechou os olhos, decepcionada. Eu não fazia ideia de que tipo de debate interno ela estava tendo consigo mesma, mas não podia simplesmente ignorar. "O-o que foi?"

"Eu só acho que não é, sabe, muito legal", respondeu, assentindo para si mesma. Mas isso não respondia minha pergunta, e eu começava a achar que ela estava desviando de propósito.

"Certo, agora eu *quero* saber ainda mais."

"Não sei... Provavelmente, é melhor eu não dizer..."

Ela estava falando sério ou só tentando se fazer de difícil?

"T-Tudo bem. Só faça logo", insisti. Não sabia se tinha algo a ver comigo, mas, de qualquer forma, minha curiosidade já estava atiçada. Quanto mais eu descobria sobre Shimamura, mais feliz eu ficava.

"Tem certeza?"

"Manda... ver...?"

Eu tentava imitar algo que Shimamura tinha dito um tempo atrás, embora não conseguisse abrir os braços como ela fazia. Sentia o suor escorrendo pelo meu corpo e meus ombros tremiam.

"Beleza, então. Aqui."

Ela estendeu a mão para mim, com a palma voltada para cima. Mas não estava segurando nada. Achei que talvez houvesse outra etapa, então esperei ansiosamente... mas ela não se moveu. Apenas me encarou, como se estivesse esperando que eu fizesse algo.

Era o que eu estava pensando...?

Timidamente, coloquei minha mão sobre a dela. Eu era o cachorro dela, e ela queria que eu cumprimentasse… Meu rosto ficava cada vez mais quente conforme tudo se encaixava.

"Perfeito", Shimamura assentiu, satisfeita. "De qualquer forma, você deve estar ainda mais suada do que eu. Entra logo, vamos nos refrescar."

Com esse ritual (?) agora concluído, ela puxou a mão de volta, virou-se e me guiou para dentro da casa. Clássica Shimamura. Como sempre, ela tinha suas próprias prioridades. Para ser sincera, eu quase achava isso admirável. *Ugh, eu sou um caso perdido.*

Enquanto tirava os sapatos com minhas mãos agora vazias, chamei por ela.

"Shimamura!" O nome dela saiu dos meus lábios, viajou até seus ouvidos e a fez se virar. Por que essa conexão invisível sempre me fazia sorrir?

"Bem-vinda de volta."

Eu queria guardar isso para quando estivéssemos cara a cara.

Seu olhar vagou por um instante, e então um pequeno sorriso surgiu em seus lábios.

"Eu ia dizer que você está sendo dramática, mas aí lembrei que *fui eu* quem disse 'Estou em casa' primeiro." Ela girou nos calcanhares, virando o corpo inteiro na minha direção com a graça de uma dançarina. "Eu voltei por você, Adachi."

Como um pedaço de carvão em brasa, uma parte endurecida do meu coração estalou, e uma dor aguda atravessou meu peito.

"Whoa!"

Eu sentia o sangue borbulhando em meus pulsos. Meus olhos latejavam no ritmo da minha pulsação, tremendo.

Shimamura… tinha me puxado para um abraço.

AFDSAKGSK;H!!! Eu já tinha iniciado abraços com ela várias vezes antes, mas essa era a primeira vez que *ela* estava *me* abraçando, e EU ESTAVA SURTANDO!!! *ASJDHGJLFK!!!*

Era como se eu estivesse me afogando. Meu corpo ficou tão mole que eu nem tinha certeza se ainda havia ossos nos meus ombros. Enquanto isso, ela acariciava minhas costas e passava os dedos suavemente pelo meu cabelo. Se a intenção dela era me desativar completamente, estava funcionando. Tive medo de que meu sangue fervilhante começasse a escorrer da minha boca se eu não tomasse cuidado.

Então, ela me deu três tapinhas nas costas, e eu comecei a tossir.

"Brincadeirinha", ela sorriu, se afastando casualmente.

"O quê…?" A decepção foi tão grande que eu não consegui esconder completamente.

"Ah… Ha ha… Essa foi boa," forcei uma risada apressada enquanto lutava para controlar minhas emoções — uma tarefa difícil, já que minha visão estava

girando. Apertando meu pulso fervilhante, me vi compelida a perguntar: "Shimamura, você está de bom humor hoje?"

"Hm? Não, nem um pouco", ela respondeu, despreocupada. "Na verdade, eu encarei a realidade e tive meu coração partido." Por um momento, seu olhar se abaixou junto com sua voz. "Mas..."

Ela pareceu engolir o restante da frase. E, conforme as palavras deslizavam de volta para sua garganta, a expressão em seu rosto era triste, mas ao mesmo tempo bela. Reprimindo o impulso de envolvê-la em meus braços, a segui pelo corredor até seu quarto no primeiro andar.

Quando chegamos, sua irmã mais nova lançou um olhar para mim e sua expressão se fechou. Então, rapidamente passou por mim e saiu do quarto. Estava claro que eu não era bem-vinda ali.

Para ser sincera, eu ainda não me sentia confortável perto da Pequena Shimamura. Nós éramos parecidas demais, o que significava que provavelmente estávamos pensando a mesma coisa. E considerando como eu me sentia em relação a ela, não era surpresa que ela também não ficasse animada ao me ver. Ela provavelmente queria que eu desaparecesse.

"Eu não sei o que fazer com ela", murmurou Shimamura, sorrindo de forma rígida.

Parte de mim se sentiu culpada, mas ao mesmo tempo, eu me recusava a deixar que outra pessoa tomasse o tempo dela, nem mesmo sua própria família.

"Não se importe com a bagunça, aliás. Acabamos de chegar, então não tivemos tempo de guardar nada ainda."

"Tranquilo."

Não é como se uma única mala de roupas fosse uma bagunça tão grande. Ela ligou o ventilador elétrico e o direcionou para mim; inclinei a cabeça em agradecimento.

"Sabe, quando eu te chamei, não esperava que você aparecesse literalmente nesse exato momento", ela riu enquanto se sentava com as pernas esticadas.

Admito, sim, eu me apressei um pouco, mas isso não era nada fora do normal para mim. Depois de tanto tempo, eu não conseguiria esperar nem um segundo a mais. As palavras dela foram como um empurrão súbito em uma gangorra, me lançando sem aviso.

"Hmmm..."

Acariciando o queixo, ela me lançou um olhar de soslaio e estendeu a palma da mão novamente. Lentamente, com timidez, coloquei minha mão na dela.

"Bom!" Novamente, ela parecia satisfeita. E, por algum motivo, meu coração deu uma batida mais forte.

Dessa vez, encolhi os dedos e segurei firme. Estávamos as duas um pouco suadas nesse calor, mas isso era prova de que ela estava ali, bem ao meu lado. Mesmo eu podia perceber isso, e não estava olhando diretamente para ela. Da mesma forma, ela não tentou se afastar — ficou ali, ao meu lado. Enquanto isso, o ventilador soprava sobre nossos ombros.

"Então, hum, como foi?"

"Como foi o quê?"

Eu não sabia muito bem o que dizer, já que não fazia ideia de como tinha sido. "Como foi, hum, a casa do seu avô?"

"Ah, você sabe..." Ela desviou os olhos. Aparentemente, não queria falar sobre isso. "Foi tranquilo, eu acho. Enfim, você usou aquele biquíni?"

Eu percebi que ela havia mudado de assunto de propósito, e isso me deixou um pouco triste, sabendo que ela não se sentia à vontade para se abrir comigo. O que mais eu precisava fazer para chegar a esse ponto com ela? E mais, o que ela queria dizer com aquela pergunta? Estava perguntando se eu já o tinha usado em algum lugar?

Será que conto o momento em que tirei fotos no meu quarto...? Isso provavelmente conta, né? Pensar nisso fez minha cabeça ficar confusa, e mal consegui fazer minha língua colaborar.

"Eu... só usei duas vezes."

Uma para a sessão de fotos, e...

"Que desperdício! Você tem que usar mais do que isso!" ela respondeu, brincando.

Se você quer que eu use mais, então me dê mais desculpas para usar. Eu peguei a barra da minha camisa, mas pensei melhor. *Muito cedo.*

Nesse momento, o telefone da Shimamura tocou. Ela começou a fazer o movimento para pegá-lo, mas sentiu resistência e olhou para trás para mim. Nossas mãos unidas formavam uma ponte entre nós. Por um breve momento, ela abriu a boca para falar, mas no final, ela me puxou junto para pegar o

telefone. Eu esperei em silêncio, tombando de um lado enquanto tentava manter a mão dela.

O telefone só fez um toque, então provavelmente era só uma mensagem, mas... de quem? Seria... aquela garota do festival? Quem era ela, e que tipo de relação tinha com a Shimamura? Ela ainda não tinha me explicado, e toda vez que me lembrava desse mistério não resolvido, isso me fazia querer me tornar detetive. Mas uma interrogatória com as mãos trêmulas só terminaria em um olhar gélido, e o pensamento me congelou por dentro. Eu não precisava me segurar quando minha própria imaginação destruía qualquer vestígio de coragem que eu poderia ter tido.

Ela olhou para a tela do telefone e deu uma risada. *O que tem de engraçado?* Eu odiava o pensamento de que outra pessoa estava fazendo ela sorrir. Meu instinto queimava no escuro, preenchendo meu peito com fumaça. Eu podia *sentir* isso me poluindo.

Enquanto a fumaça se espalhava dentro de mim, Shimamura percebeu minha expressão e me mostrou o telefone. Eu não tinha certeza se deveria olhar, mas olhei mesmo assim. Na tela, havia uma foto de um cachorro e uma mulher idosa fazendo uma expressão engraçada.

“Essa é minha avó, e esse é o cachorro de estimação dela,” ela explicou suavemente. Parecia que ela estava me apresentando à sua família.

O cachorro parecia bem, bem velho, e seu olho esquerdo estava completamente esbranquiçado — provavelmente cego, se eu tivesse que adivinhar. A mulher idosa (aparentemente a avó da Shimamura) estava inclinada para perto do rosto do cachorro, imitando a expressão dele, fazendo biquinho. Eu... não tinha muita ideia do que dizer, sinceramente. “Ela, eh, parece ser uma verdadeira figura.”

“Ela é a mãe da minha mãe, então, sim,” Shimamura suspirou com um sorriso irônico.

Isso me fez lembrar do que eu sabia sobre a Sra. Shimamura: uma mulher bastante brincalhona. Nesse caso, será que a Shimamura era secretamente tão divertida quanto sua mãe e avó...? *Não, não exatamente*, pensei comigo mesma enquanto olhava para sua expressão calorosa de lado. Eu podia sentir minha língua tremendo na parte de trás da boca.

Ela é tão fofa!

Seria porque eu tinha desejado tanto por ela nos últimos três dias, ou teria algo nela mudado? Eu não sabia. Mas agora todas as pequenas coisas que eu costumava dar como garantidas estavam me afetando de forma muito intensa. Havia um oceano quente e pacífico no meu peito, e meu corpo inteiro parecia estar flutuando — um pouco assustador, sim, mas eu queria aproveitar o

momento o máximo que pudesse. Esse calor era muito mais suave do que qualquer sol de verão.

“Então, o que a gente faz agora? Parece que eu tenho que perguntar isso toda vez que você vem aqui.”

“Hã? O que quer dizer com isso?”

“Bem, o que você quer fazer junto comigo?” ela perguntou, olhando ao redor do quarto. Seu olhar passou da TV para a estante de livros e depois para os videogames. “Não tá entediada?”

“Não,” respondi, encostando minha cabeça no ombro dela. Quando nossos corpos estavam tão próximos, francamente, eu não tinha capacidade mental para me sentir entediada. Nossos rostos estavam a poucos centímetros de distância, e os olhos dela pareciam tão grandes e redondos… Eles pareciam perfurar diretamente em mim.

“Bom, então.”

Ela relaxou os ombros, e minha cabeça repousou sobre eles. Uma mecha do cabelo dela fazia cócegas no meu rosto, reforçando o quão *perto* ela estava. E enquanto eu ficava mais atrapalhada, nossos braços se tocaram, fazendo minhas roupas farfalharem…

Então eu me lembrei: *Ah, é mesmo.*

“Nnnn…”

Agora eu tinha uma escolha a fazer: ficar confortável ou sair da minha zona de conforto? Claro, eu poderia ficar feliz exatamente onde estava, mas talvez a Shimamura já estivesse entediada. Eu não queria focar egoisticamente na minha própria felicidade — queria ser atenciosa com a dela também. Isso era uma parte importante de *abrir meus olhos para as pessoas ao meu redor*, algo que Shimamura disse que queria que eu fizesse. Mas não importava o quão “abertos” meus olhos estivessem, eu tinha certeza de que só os usaria para encontrá-la.

Para ser honesta, era um movimento arriscado. Se eu errasse, poderia tornar as coisas estranhas. Mas até mesmo as apostas mais arriscadas poderiam, em teoria, valer a pena. Era simplesmente assim que o jogo deveria ser jogado.

Com esse encorajamento subconsciente, me levantei e segurei a barra da minha camisa. Enquanto um espiral escarlate girava na minha cabeça, tirei a camisa. Então vi o olhar arregalado de Shimamura fixo em mim, e meu pânico começou a girar como uma roda. O vapor resultante me deu forças para tirar o resto das roupas de uma vez. Sem tempo para mexer nos zíperes.

Deixei minha roupa externa cair no chão, então, nervosa, tropecei e parei na frente dela. Eu conseguia ouvir meu sangue pulsando nos ouvidos enquanto a temperatura do meu corpo subia vertiginosamente.

Eu estava ali, vestindo nada além do biquíni que eu tinha usado por baixo das roupas.

"O-o que acha…?"

Para a surpresa de ninguém, eu não era ousada o suficiente para fazer uma pose. Esfregando os pés um no outro, tentei avaliar a reação dela, mas não conseguia levantar o olhar. Então, enquanto encarava o chão, ouvi ela perguntar: "Você estava usando o biquíni esse tempo todo?"

Eu assenti.

"Especificamente para exibi-lo?"

Assenti, desta vez de forma mais fraca, mas não era exatamente por isso. Eu não queria exibi-lo, por assim dizer — só queria que ela o *visse*. "Então, hum… O que achou…?"

Finalmente, consegui erguer o olhar um pouco… e encontrei a Shimamura encarando meu peito. "Interessante."

Interessante?! como assim interessante?!

"As cores são bem mais vibrantes vendo pessoalmente, né?"

Ela se inclinou para perto e examinou a parte de baixo do meu biquíni. *AKDGHLDSHLHDG!!!* Minha visão estava oscilando tanto que eu só podia presumir que meus olhos estavam literalmente girando nas órbitas.

"Uh, uhhh, s-sim, uh… Azul e branco, ha ha…"

"E sua pele é super pálida também."

Ela deu um tapinha na minha coxa e minha perna quase teve um espasmo. O sangue subiu para minha cabeça, me deixando tonta. Eu cambaleei para trás.

"Nossa, você está bem?"

"Aaauuhhhaauhhh…"

"Imagino que isso seja um não, né?" Ela assentiu, pensativa.

D-de quem você acha que é a culpa, mocinha?! "I-isso foi… Isso foi assédio sexual… não foi?"

Eu quis dizer como uma brincadeira, mas saiu soando como uma pergunta séria.

"O quê?" Ela riu. "Não foi não! Eu só toquei na sua coxa!"

"É, e isso é… a-assédio sexual…"

Lentamente, eu me ajoelhei e coloquei as mãos no colo como se estivesse em uma cerimônia formal de chá. Sentia meus ombros e costas rígidos tremendo agressivamente. A pele ao redor da minha clavícula estava tão tensa que parecia que meu esqueleto estava tentando fugir.

"Ha ha ha ha!" De repente, Shimamura caiu na gargalhada. Assustada, olhei para ela, e ela sorriu. "Você é tão engraçada."

"Ah… é… ha ha…"

Bem, pelo menos ela não está entediada, eu… acho…?

"Enfim, hum… isso me lembra…" *Argh, o que eu estou dizendo?!* "Quer tomar um banho?"

"Um banho?"

"É."

"Na minha casa?"

"É. Nós duas."

"*O quê?*"

"Tipo, ao mesmo tempo…"

Parecia que meus olhos estavam em chamas. Luzes estouraram na minha visão — duas vezes.

"Então… você quer tomar banho junto comigo?" ela perguntou, refletindo sobre isso. A hesitação dela não me surpreendeu, mas dessa vez eu não ia recuar.

"Bom, quer dizer… eu já estou usando ele…"

"Usando o quê?"

"Meu biquíni…"

Fazia sentido, né? Banho, água, biquíni. Tá, talvez fosse um exagero danado, mas eu não tinha mais nada com que trabalhar. Minha única opção era agir de forma casual e torcer para que a Shimamura cedesse com seu típico "Tá, tudo bem".

Depois de alguns momentos… ela caiu na gargalhada. De novo. Segurando a barriga.

"Do que você tá *falando*? Você é muito esquisita!"

"E-eu… sou?" Minha voz falhou como se estivesse tentando me fazer parecer idiota de propósito.

"É *sim*! O jeito que você pensa, o jeito que você age — é *totalmente* estranho. Tipo, como é que você inventa essas coisas? Porque é algo tão exclusivamente *você*."

Na visão dela, eu era esquisita por dentro e por fora. Eu gostaria de pelo menos ser normal por fora, mas isso talvez fosse pedir demais, considerando que eu estava atualmente usando um biquíni no quarto de outra pessoa. E como eu estava ajoelhada, sentia as solas dos meus pés pressionadas contra meu bumbum.

Meu Deus, estou tão desconfortável. Será que eu deveria colocar minha camisa de volta? Por algum motivo, a ideia de me vestir novamente na frente da Shimamura me dava vontade de morrer. Por que isso era, de alguma forma, diferente de quando eu estava tirando a roupa? Eu agarrei meus bíceps nus e me contorci.

"Tá bom, então," ela disse em um tom animado. "Já que você veio preparada, vamos tomar um banho!"

"O quê?!"

Não era o "Tá, tudo bem" que eu esperava. Não, era *ainda melhor*. Parte de mim ficou radiante por ela ter apreciado meu planejamento cuidadoso, mas outra parte ficou alarmada por ela ter notado isso. Claramente, ela também era bem esquisita… Então minha perspectiva voltou ao positivo: *Isso é a cara da Shimamura.*

"Não sei se entendo qual é o sentido disso, mas… paciência."

Enquanto falava, ela se levantou. Da mesma forma, eu me levantei como um foguete. Ela deu um sorrisinho para mim, depois se virou e me guiou para fora do quarto.

No meio do caminho, os nervos fizeram meu estômago se contrair, e meus ouvidos começaram a zumbir tão alto que abafaram até o canto das cigarras. Eu estava tão rígida que mal conseguia respirar; se eu caísse na parte funda de uma piscina, bateria no fundo e provavelmente nunca subiria de novo. Era uma emoção que eu sentia muito desde que conheci a Shimamura… Honestamente, era um milagre eu ter sobrevivido tanto tempo.

Ao passarmos pela sala de estar, vi de relance a mãe da Shimamura desfazendo sua bagagem. Então Shimamura chamou por ela: "Vou tomar um banho."

"Um banho? No meio do dia? Você não tem nada melhor pra fazer?" A Sra. Shimamura zombou por cima do ombro. Então ela me viu parada ao lado da filha. "Oh, Adachi-chan, eu não sabia que você estava aqui."

"Me desculpe por incomodar," respondi, inclinando a cabeça.

"Você é tão educada! Eu queria que minha filha… aprendesse… com a sua…" As palavras dela foram diminuindo. "Por que o biquíni?"

Era, claro, uma pergunta perfeitamente razoável a se fazer a uma adolescente parada no corredor da sua casa usando um biquíni. "Por que o biquíni", realmente. *Ugh, eu definitivamente deveria ter colocado minhas roupas de volta.*

"Ela veio aqui pra tomar banho comigo," Shimamura respondeu por mim.

"Só pra deixar claro, eu só achei que seria divertido… Na maior parte, eu queria mostrar meu biquíni novo…" murmurei em minha própria defesa.

Mas a Sra. Shimamura não pareceu ouvir nenhuma de nós duas. "Hmmm," ela murmurou. A reação dela parecia desfavorável… ou talvez apenas confusa. Não era surpresa. "Parece que a personalidade excêntrica da minha filha é contagiosa. Meu Deus, o que uma mãe pode fazer?" ela lamentou dramaticamente, como costumava fazer.

Olhei para a Shimamura e a vi encarando a mãe com um olhar de desprezo que dizia "Hipócrita, hein?" Mas isso me fez parar. Nunca antes eu tinha visto a Shimamura lançar um olhar tão feio para alguém. Será que ela sempre foi tão emotiva? *Espera, não é assim que eu deveria dizer.* Será que ela sempre foi tão… aberta com suas emoções?

Talvez algo significativo tivesse acontecido enquanto ela estava na casa dos avós. Se sim, então, julgando pelo comportamento dela mais cedo, ela provavelmente não ia falar comigo sobre isso. Se ao menos eu pudesse ter estado lá pessoalmente para ver com meus próprios olhos… Talvez então eu não me sentisse tão excluída.

Eu nunca deveria tê-la deixado me abandonar por tanto tempo.

***

Pelo canto do olho, eu observei Adachi se transformando lentamente em um caranguejo. Ela estava sentada de pernas cruzadas, com a boca submersa na água, bolhas subindo periodicamente à superfície. Seu olhar inquieto alternava entre mim e os próprios joelhos, e seu rosto já estava vermelho. Então, sim, eu estava levemente preocupada que ela talvez não estivesse bem.

“Não me lembro da última vez que tomei banho durante o dia,” pensei comigo mesma.

Ela assentiu em silêncio, criando pequenas ondulações na superfície da água.

“E certamente nunca tomei banho com uma amiga da escola antes.” Isso é, a menos que você conte aquela vez em que Tarumi e eu tomamos banho juntos quando éramos bem pequenas.

Adachi assentiu novamente, mas dessa vez eu podia perceber que ela estava mais feliz — prova de que eu tinha alcançado um entendimento mais profundo dela.

E lá estávamos nós, na banheira da minha casa. Pelo menos ela era maior que a do vovô.

Naturalmente, seria… injusto?… se eu fosse a único pelada, então eu fui e coloquei meu maiô da escola. Para ser honesta, era extremamente estranho usar isso na minha própria casa. E essa banheira *realmente* não era grande o suficiente para nós duas sentarmos lado a lado. Talvez se fosse com minha irmã, mas duas adolescentes? Era apertado, para dizer o mínimo. Nós duas continuávamos esbarrando cotovelos e joelhos, especialmente a Adachi.

"Você realmente não parece estar confortável," comentei. *Isso meio que vai contra o propósito de um banho relaxante e agradável, não é?* Com o meu comentário, ela envergonhadamente afundou o rosto ainda mais. Mais bolhas subiram à superfície. *Ainda no modo caranguejo, pelo visto.*

"Sabe, eu meio que sinto falta dos dias em que você era mais tranquila."

O que aconteceu com a garota que eu conheci no segundo andar do ginásio? Parecia que eu mal tinha conseguido dar uma olhada nela antes que ela ficasse toda agitada. Isso me fez pensar se ela estava usando algum tipo de armadura amaldiçoada, como em um RPG.

Pelo que eu tinha ouvido de outras pessoas, Adachi costumava ser bem distante no ensino fundamental. Então, depois que ela me conheceu, ela… *Espera, o quê?* Isso significaria que foi *minha* culpa ela ter ficado lou— quer dizer, ter parado de ser rabugenta. *Hmmm.*

"Então, uma pergunta atrasada: o que te fez querer tomar banho, afinal?" O pensamento só tinha me ocorrido agora. Talvez o vapor estivesse derretendo meu cérebro.

A água pingava das pontas do cabelo dela enquanto ela modestamente escondia o novo biquíni atrás dos joelhos. "Eu pensei que um banho… nos aproximaria mais," ela respondeu, algumas palavras de cada vez, como um fluxo lento de bolhas.

"Por quê?" perguntei, imitando minha mãe.

Ela soprou bolhas na água como se não tivesse uma resposta. Para ser justa, eu certamente não tomaria banho com alguém com quem não fosse próxima, mas… para mim, a ordem parecia um pouco invertida. Dito isso, amizades baseadas em regras rígidas estavam praticamente destinadas a desmoronar mais cedo ou mais tarde, então…

"Bem…"

"Sim?"

Ela hesitou, corando. Então afundou na água, soprando bolhas furiosamente, os olhos disparando para todos os lados. Eu lancei um olhar inquisitivo; ela sustentou meu olhar por um longo momento, então finalmente cedeu e levantou a cabeça acima da água.

"Estar pelada te deixa... vulnerável... e é importante ser vulnerável com seus amigos," ela murmurou enquanto seu cabelo batia na superfície da água.

"Entendiii! Agora eu saquei. Espera, mas nós não estamos peladas!" Eu ri. Então ela afundou na água de novo. "Ops."

Dessa vez, ela se abaixou até a testa. Então vieram as bolhas — *muitas* bolhas. Se ela afundasse só um pouquinho mais, o cabelo dela flutuaria na superfície como uma água-viva… Por que esse pensamento me animava? Não era hora de fantasiar sobre uma água-viva do tamanho de um humano! Se eu deixasse a Adachi assim, ela provavelmente se afogaria!

Em vez disso, decidi puxá-la para cima como um navio de resgate. O problema era que eu não sabia em que parte dela eu deveria segurar. Nos quadris? Ela provavelmente me acusaria de "assédio sexual" de novo. Nas axilas? Não, isso seria ainda pior! Que tal no pescoço? …Agora estava começando a parecer menos uma manobra de resgate e mais uma técnica de luta livre profissional.

"Hmmmm…mmm…mmm…"

Meu olhar percorreu suas costas nuas. A pele dela era tão pálida e sem bronzeado… Foi então que pensei em algo que sempre quis tentar. Estendi a mão, agarrei as cordas do topo do biquíni dela e puxei.

Isso provocou uma reação imediata. Adachi emergiu da água de repente, jogando ondas para todos os lados enquanto me encarava com os olhos arregalados. O ataque foi super eficaz! Se ao menos fosse assim tão fácil fazer os peixes morderem a isca.

"O quê… buh… buh…?!" Ela gaguejou para mim, com as costas contra a borda da banheira, uma mão pressionada na parede. Além disso, ela debateu tanto as pernas que parecia estar se afogando. Estava molhando todas as paredes.

Ops. Será que exagerei? "Desculpa, desculpa!" Eu me desculpei, por via das dúvidas.

Com isso, ela relaxou um pouco e sentou-se novamente. "Tudo bem," ela murmurou, encarando a água solenemente.

O silêncio tomou conta enquanto nós duas ficávamos ali, submersas até os ombros na água quente. Para ser perfeitamente honesta, eu estava pronta para sair. Por que estávamos agindo como um par de crianças aqui dentro? Na nossa idade, eu esperava que nos comportássemos um pouco mais… como damas, suponho. Mas minha amizade com a Adachi era uma montanha-russa eterna.

O som da água pingando parecia tão distante, quase como se estivesse chovendo lá fora. Quando olhei para cima, percebi que o teto estava embaçado com o vapor. Quase parecia que estávamos em uma fonte termal em algum lugar; eu podia praticamente ouvir o *barulho* dos baldes de madeira

tradicionais. A água pingava do meu cabelo e escorria de lado pela minha testa e nariz.

“…Adachi, você está tentando ser gentil comigo?”

Decidi perguntar por impulso, já que estávamos a sós. Normalmente, eu ficaria envergonhada demais para perguntar isso diretamente, então provavelmente teria usado palavras mais suaves. Mas eu queria saber o que levava as pessoas a escolherem a gentileza. De onde vinha isso? Certamente não de obrigação, disso eu sabia. Mas se eu pudesse rastrear até a fonte, talvez pudesse aprender a fazer isso eu mesma… ou assim eu esperava, pelo menos.

Com isso — “Bffgghh!” — Adachi me jogou água. “O quê, você não acha que eu sou legal?”

Ela me encarou com tristeza, como um ovo prestes a rachar. Seus olhos estavam tão inchados que parecia que ela ia chorar; naturalmente, isso era toda a resposta de que eu precisava. Ainda assim, havia algo realmente refrescante na forma como a Adachi deixava o coração à mostra.

“Eu não seeeei,” respondi em um tom cantarolado, provocando-a. Com um sorrisinho, virei as costas para ela.

Eu podia sentir o pânico dela logo atrás de mim. Não queria estressá-la *demais*, então me virei de volta para dizer que ela era, de fato, uma garota legal. Mas justo nesse momento, minha testa colidiu com algo — com a testa *dela*, aparentemente? Não tive tempo de sentir a dor, no entanto, porque ela me envolveu com os braços. E como estávamos ambas de maiô, isso resultou em um abraço bem apertado.

Eu podia sentir a pele perfeita dela diretamente contra a minha. Enquanto a água quente espirrava, dançava e se movia ao nosso redor, a única constante era a Adachi. Então a água ficou parada… e o calor começou a aumentar.

Confesso que me perguntei: *Por que essa é sempre a sua reação padrão?* Mas, para ser justa, talvez essa fosse a única maneira que ela conhecia de se expressar. Talvez ela estivesse tentando ser o mais legal possível… Se fosse assim, não era muito diferente do usual. Isso significava que ela era simplesmente muito legal o tempo todo? *Caramba, isso é impressionante.*

Infelizmente, esse abraço estava começando a doer.

“Uh, Adachi?” *Seu queixo está se enterrando no meu ombro, e eu estou com medo de que ele vá ficar cravado aí.* “Alôôôô? Adachiiii?”

Eu dei um tapinha leve no ombro dela, querendo que ela aliviasse um pouco, mas ela não respondeu. Estava congelada como uma estátua. Então, não tive

escolha a não ser empurrar os ombros dela e desgrudá-la de mim. Fiquei preocupada, achando que talvez ela tivesse desmaiado ou algo assim, mas, felizmente, vi os olhos dela se movendo. Ela ainda estava respirando também… mas tremendo. Seus olhos e lábios se contorceram, e então…

“Gaaagh!”

“Aaaaah!”

Ela começou a balbuciar incoerentemente enquanto se agarrava a mim de novo — ainda mais forte dessa vez, como se fosse pra impedir minha fuga. Ela até envolveu as pernas ao meu redor. Enquanto isso, a cabeça dela balançava de um lado para o outro.

“Opa, opa, opa!”

Ela parecia ter se transformado em um zumbi, e enquanto eu a segurava, comecei a entrar em pânico. Será que ela ia morder minha jugular? Será que eu me tornaria uma das infectadas? Eu não queria isso. Se eu me transformasse em outra Adachi, quem nos ajudaria a nos acalmar em uma crise? Ainda assim, mesmo que ela às vezes *criasse* problemas, pelo menos sabia tomar iniciativa. Claramente, nossa amizade precisava de pelo menos uma Adachi.

Enquanto eu refletia sobre isso, senti os lábios dela se movendo perto do meu ouvido. Curiosa, escutei com atenção. E então, em uma vozinha baixinha, ela sussurrou…

“Eu te amo…”

Pontuado pelo *plip, plip* da água pingando na banheira.

“Eu… te amo… amo… te amo… tanto…”

“…Hã?” A água escorria entre nossos corpos enquanto meus braços amoleceram e afundaram abaixo da superfície. Minha cabeça estava girando. Eu não conseguia processar as palavras.

“Nnngh… ggmmh… mmgghh…”

“…Espera, o quê?”

Ela estava gemendo bastante, então eu a empurrei de novo. Mas dessa vez, o problema estava bem claro.

“*Meu Deus, ela desmaiou!*”

Era exatamente o cenário que eu temia. Eu podia praticamente ver o vapor subindo da cabeça dela… Rapidamente, puxei-a para fora da banheira e a arrastei do banheiro até o corredor, onde a deitei. Então, sem parar para me secar com a toalha, corri direto para a cozinha, até minha mãe.

“Mãe! Socorro! A Adachi desmaiou na banheira!”

“Ah, pelo amor de Deus, suas crianças idiotas!”

Apesar dos insultos, ela rapidamente pegou um pano de prato e o encharcou com água fria. Depois, agarrou uma bebida isotônica da geladeira e correu comigo de volta para o corredor, que agora estava escorregadio com as pegadas molhadas que eu deixei. Agindo rápido, minha mãe esfregou o corpo da Adachi com o pano frio, dando atenção especial ao pescoço e aos pés. Só então a Adachi recuperou a consciência.

“Shimamura,” ela murmurou, olhando para mim. *Essa é a minha Adachi, sem dúvida.*

Depois de confirmar que a Adachi estava bem, minha mãe virou-se para mim. “Ei, cabeça de vento, tenta não matá-la, tá?” E com isso, ela se afastou.

Com licença? Eu não forcei ela a ficar na banheira tanto tempo assim! Irritada, mantive um olho atento na Adachi. E enquanto a observava, senti uma pergunta subindo junto com o vapor:

O que ela acabou de me dizer?

Só a Adachi sabia a resposta, e, naquele momento, ela não estava em condições de me contar.

***

“Tem certeza de que não quer ficar e se refrescar um pouco mais?” Shimamura perguntou gentilmente enquanto me acompanhava até a rua.

“Não, já estou bem agora,” respondi, balançando a cabeça. Decidi que era mais inteligente sair cedo do que correr o risco de me envergonhar ainda mais.

Para ser honesta, eu não sabia que “desmaiar” era algo que realmente acontecia na vida real. Não me lembrava de muita coisa depois que minha mente ficou confusa… *Ela disse que cuidou de mim até eu melhorar, mas… meu Deus, será que eu não me humilhei completamente ou algo assim?!* Estava com muito medo de perguntar. Talvez eu simplesmente não estivesse pronta para atividades de banho com alguém junto.

Minha cabeça ainda parecia pesada, e as pontas dos meus dedos estavam dormentes. Minha mente estava lenta, ainda sufocada por uma grossa camada de vapor. Nesse estado, não havia como saber que tipo de coisas eu poderia ter dito para a Shimamura… Mas como eu era capaz de reconhecer isso, provavelmente era seguro para mim ir para casa.

Coloquei as mãos no guidão da minha bicicleta e olhei por cima do ombro. Com o cabelo molhado e uma toalha ao redor do pescoço, Shimamura parecia incrivelmente diferente do usual, e eu estava tímida demais para encará-la. Sem maquiagem, sem produtos no cabelo, e uma camiseta que aderiu bem às suas curvas… Atordoada, encarei o chão. Havia estrelas nos meus olhos, e não era só porque eu tinha batido a cabeça. Sacudi elas para longe, então subi na bicicleta. Sim, eu estava indo para casa por hoje, mas…

“Posso… te ligar hoje à noite?” perguntei, um pouquinho mais confiante do que o usual.

“Claro,” Shimamura respondeu, com um sorriso largo que me pegou desprevenida.

Instantaneamente, fiquei encantada. Era um sorriso inocente, puro — um que vinha naturalmente, sem esforço consciente, que revelava sua verdadeira essência e que incendiava meu coração.

“Tchau, tchau,” ela disse, como uma versão bem mais jovem de si mesma, enquanto acenava para mim.

“Tchau.”

“E lembre-se, você tem que manter os olhos na estrada enquanto estiver andando de bicicleta. Então é aqui que nos separamos, tá?”

De alguma forma, ela estava um passo à minha frente. Fogos de artifício explodiram nas minhas bochechas já coradas, estalando e crepitando. Enquanto isso, comecei a pedalar minha bicicleta. Como pedido, eu não ia olhar para trás dessa vez. Não, não dessa vez.

Mas eu realmente, realmente, *realmente* queria.

Reprimindo o impulso, pensei, em vez disso, na — adivinhou — Shimamura. Refleti sobre todos os momentos do dia, pedalando sem pensar enquanto afundava cada vez mais nas memórias.

No fim das contas, eu ainda era uma piloto distraída, mesmo olhando para a frente.

***

Eu estava sozinha na brisa seca do verão. O vento parecia limpar o vapor da minha mente. Então, de repente, percebi:

Ah, agora eu entendi. A Adachi me ama.

Supondo que ela não estivesse apenas brincando lá atrás, claro. Mas considerando o estado em que ela estava na hora, provavelmente não tinha capacidade mental para contar piadas.

“Hmm…”

Talvez fosse por *isso* que ela me tratava com tanta gentileza. Conforme a percepção se solidificava, um arrepio percorreu minha pele. Antes que eu me desse conta, estava segurando meu cotovelo, me abraçando. Minha visão parecia se expandir, alcançando todos os cantos da cidade.

“*Agora* eu entendi…”

Era a resposta mais simples e a motivação mais lógica. Pensando bem, ela foi tão *óbvia* sobre isso também. Por que mais ela seria tão obcecada por mim? Por que mais ela surtaria ao descobrir que eu passei tempo com outra pessoa? Sim, tudo fazia sentido… e ainda assim…

“Hmmmm.”

Mechas de cabelo molhado batiam contra minha bochecha, fazendo cócegas e me fazendo estremecer.

Supondo que ela realmente me amasse — que tipo de amor seria esse? Contemplei todas as formas diferentes que eu conseguia imaginar, mas… bem, todas pareciam bem legais, cada uma do seu jeito único. No fundo, eram todas apenas variações de se importar com alguém e ser gentil com essa pessoa, o que era realmente admirável e tal…

Eu só não conseguia me identificar com isso, nada mais. Eu só sabia ser gentil por obrigação.

“O que eu vou fazeeer…?” cantei enquanto voltava para dentro de casa. Minha pele corada ansiava pelo carinho do ventilador elétrico.

***

Depois disso, conversamos ao telefone a noite toda, e então passei o dia seguinte inteiro pensando no banho, nos biquínis e me contorcendo no meu quarto. Sempre que me cansava, sentava e recarregava por um tempo.

Enquanto assistia TV e me desligava, um programa de notícias começou com uma história perturbadora sobre um estudante que surtou e matou alguém após uma discussão acalorada. Por um momento, refleti sobre a fragilidade das vidas humanas. Sob um pouco de pressão, quase qualquer um poderia cometer um assassinato. Não que eu estivesse planejando fazer algo assim, claro. Mas talvez eu fosse capaz de mais do que eu me dava crédito. Se eu usasse esse poder para ser uma força do bem, provavelmente poderia realizar coisas bem incríveis…

Isso me encheu de uma estranha sensação de coragem, e eu peguei meu celular. *Já é praticamente noite agora, né?* Meu olhar subiu para o relógio na parede.

Para ser honesta, eu queria conversar por mais tempo. Nunca queria que ficássemos separadas. Mas normas sociais como “tempo”, “família” e “bom senso” a afastavam de mim, e minhas inseguranças me deixavam com medo.

Eu ainda não sabia a verdade sobre aquela outra garota, e ainda queria respostas. Mas não queria continuar obcecada por esse mistério, nem queria esgotar toda minha energia com outras pessoas. Sim, eu tinha medo da Shimamura fazer outros amigos, e sim, tinha medo de que ela gostasse mais deles do que de mim. Mas esses medos eram um obstáculo entre mim e ela, e eu queria aceitá-los. Assim, eu poderia superá-los.

Enquanto esperava ela atender a ligação, ajeitei um pouco meu pensamento:

Quero estar tanto tempo com ela que nem percebo as pequenas mudanças.

***

Adachi estava ligando de novo. Mas já tínhamos conversado por horas na noite passada — o que mais ela poderia ter a dizer? Mesmo assim, atendi o telefone.

“T-tem uma coisa que eu esqueci de dizer ontem à noite,” ela soltou de uma vez. Sem cumprimentos formais, direto ao ponto na velocidade da luz e tropeçando em si mesma o caminho todo. Essa era a Adachi que eu conhecia.

“Manda ver,” respondi, incentivando-a a continuar. *Ela não vai declarar seu amor por mim como fez na banheira, vai? Provavelmente não, né?* Mesmo assim, me preparei para o caso. Eu podia ouvir ela apertando o telefone com força do outro lado e imaginei ela se inclinando para frente.

“Você gostaria de… sair… no festival neste fim de semana?”

“Ah, é sobre *isso*?” *Bem, isso foi anticlímax.*

“Quê? Hã?” ela gaguejou. “O-o que mais poderia ser?”

“Não se preocupa com isso. Só falando comigo mesma.” *Mais como falando sobre mim mesma*, pensei com um sorrisinho. “Enfim, claro, eu não me importo.”

“…Não se importa?” ela perguntou timidamente, como uma criança repreendida.

“Bem, dessa vez não tenho planos com mais ninguém.” Portanto, não tinha motivo para recusar.

“Que alívio…!”

Ela soltou um suspiro pesado que expressava exatamente o quanto ela estava preocupada. Era realmente uma pergunta tão estressante assim? Do ponto de vista dela, provavelmente sim. Eu não tinha certeza, mas se tivesse que chutar, ela ainda estava muito presa ao incidente com a Tarumi. Quando pensei naquela ligação superemocionada, lá no começo quando Adachi ainda estava coerente, ela perguntou um monte sobre a Tarumi.

Será que eu deveria simplesmente explicar pra ela e acabar com isso? Mas como? Dizer que a Tarumi é uma amiga antiga com quem eu recentemente… er… me reconciliei? Será que essa é mesmo a palavra certa? Era tudo tão complicado. Provavelmente por isso eu ficava adiando desde o começo.

“Eu ia te perguntar pessoalmente quando estava na sua casa ontem, mas acabei esquecendo…”

“Ah, verdade. Porque você desmaiou.”

Com isso, ela hesitou. Se estivéssemos na água, esse pequeno caranguejo provavelmente estaria soprando bolhas de novo.

“Sabe, Adachi—” comecei sem pensar, então me interrompi rapidamente e desviei o olhar. “Pensando bem, deixa pra lá.”

“O que é?”

“Nada.” Pela primeira vez, *eu* estava com dificuldade para continuar a conversa.

“Mas eu quero saber…”

“Te conto depois, prometo. Agora, onde a gente deveria se encontrar na noite do festival?”

Pelo menos, eu era mais habilidosa que a Adachi em mudar de assunto. Não que fosse algo para me orgulhar — eu tinha passado mais tempo lidando com

pessoas, então dominava as técnicas mais eficientes. Mas “eficiente” não era o mesmo que “bom”.

Depois que decidimos o local e o horário do encontro, ela encerrou a ligação apressadamente. Talvez ela sentisse que precisava começar a se preparar, mesmo que o festival ainda estivesse a dias de distância… *Não, não pode ser isso*, ri sozinha. Mas, claro, quando se tratava da Adachi, a possibilidade de ela pensar demais nas coisas era uma constante.

Então, por que raios eu quase pedi pra ela descrever a forma como ela me amava?

Eu já podia imaginar o puro pânico que explodiria em resposta a esse tipo de pergunta. Na verdade, uma parte de mim queria ver isso se desenrolar pessoalmente, e foi por isso que decidi não perguntar pelo telefone… Isso me tornava uma pessoa má?

Havia algo de *empolgante* na forma como ela lutava contra seus medos para agir. Observá-la era como assistir a fogos de artifício — ela explodia de maneiras que eu nunca teria a chance de ver de outra forma.

E quando se tratava de Adachi Sakura, essas faíscas eram sempre cor-de-rosa como flores de cerejeira.

***

Eu liguei para a Shimamura e disse que queria vê-la.

Adachi ligou e me disse que queria me ver, então saí de casa.

Eu curvei os ombros e tentei segurar meus sentimentos enquanto ansiava pela Shimamura com todo o meu coração.

Adachi…

Shimamura…

***

Mesmo com o relógio correndo contra o fim das nossas férias de verão, o calor não dava sinais de diminuir. Isso era algo que eu achava frustrante. Se eu já estava infeliz só de ficar sentada em casa, como ia encontrar motivação para sair? Na maioria dos dias, eu acabava só matando o tempo no meu quarto. Isso era esperado, no entanto. Pessoas que tentavam preencher os dias das férias com atividades não entendiam exatamente o motivo das férias. Eram para ser uma *pausa*. Louvado seja o calendário em branco.

Diferente de mim, minha irmãzinha estava lá embaixo no nosso quarto, calmamente fazendo o dever de casa. Difícil dizer se ela realmente se sentia tão calma quanto parecia — provavelmente dependia da quantidade que ainda faltava terminar. Mas como ela gostava de bancar a estudante exemplar e certinha na escola, provavelmente não tinha muito mais para fazer.

“Ah, achei a Shimamura-san!”

Então Yashiro entrou. Quando me viu, ela sorriu radiantemente e veio trotando até mim. Dessa vez, estranhamente, ela carregava o capacete de astronauta debaixo do braço. Só então me lembrei que essa garota estava fingindo ser uma alienígena.

“Eu estava esperando melhorar minha amizade com a Pequena, mas ela me disse que está muito ocupada com o dever de casa.”

“Então ela te expulsou, né? Bem-vinda ao clube.”

Da mesma forma, eu tinha subido para a sala de estudos no segundo andar para deixá-la trabalhar em paz. Mas eu não tinha nada para fazer, e a circulação de ar aqui em cima era terrível, então meu único oásis contra o calor sufocante era um ventilador elétrico antigo. A brisa que ele gerava nem era fria, mas pelo menos impedia o ar de ficar estagnado.

Yashiro colocou o capacete no canto do quarto e depois veio se sentar entre minhas pernas. Eu estava bem encostada na mesa, mas mesmo assim ela se espremeu ali. O cabelo dela ondulava na brisa do ventilador, fazendo cócegas no meu rosto… Por algum motivo, encher minha visão com sua paleta de cores frias nunca deixava de me fazer sentir um pouco de frio. Evidentemente, ela era o acessório perfeito para o verão.

“Você disse que não tem dever de casa, né? Porque você não vai pra escola?”

“Isso mesmo,” ela declarou, estufando o peito.

Não pude deixar de me perguntar sobre as circunstâncias por trás disso. A maioria das crianças da idade dela era obrigada por lei a frequentar a escola, então era um grande mistério. Mas mesmo se eu chacoalhasse a cabeça dela, sabia que não conseguiria tirar uma resposta. Talvez ela realmente fosse uma alienígena. Não que isso mudasse alguma coisa.

“*Você* tem algum desse ‘dever de casa’, Shimamura-san?”

“Claro que sim.” Acredite, eu tinha bastante. E eu ia dar um jeito nisso… mais tarde. Provavelmente.

Então eu me perguntei como Adachi estava indo com o dever de casa *dela*. Quando nos conhecemos, ela era uma delinquente, então talvez ela nem tivesse mexido nele… ou talvez já tivesse terminado tudo direitinho. *Não é como se ela achasse que eu estava falando sério quando disse que não tinha nenhum, né?* Conhecendo a personalidade dela, imaginei que ela tinha tudo planejado. No fundo, ela era uma garota muito responsável. *Só que ela meio que perdia a compostura sempre que eu estava por perto.*

Olhando agora, era tudo tão óbvio. Ela frequentemente ficava atrapalhada em situações sociais por causa da sua falta crítica de experiência, mas, no fundo, ela queria melhorar e queria ser vista de forma positiva. Era simplesmente o quanto ela me amava… Esse pensamento me fez corar.

Meu primeiro instinto foi questionar se talvez o amor dela por mim não era tudo um mal-entendido da minha parte, mas… muito provavelmente, não era. Dito isso, eu não sabia ao certo que tipo de amor ela sentia por mim, mas estar apaixonada por alguém geralmente significa que você quer passar todo o seu tempo com essa pessoa, e Adachi se encaixava nisso. Os olhos dela, a atitude dela, *toda a vibe* dela imploravam para estar comigo. Sempre que ela entrava em pânico, aparecia aquele olhar complicado no rosto dela — era praticamente a marca registrada dela a essa altura.

Para deixar claro, eu não me importava de passar tempo com ela, mas o que deveria acontecer depois disso? Adachi parecia convencida de que algo mais surgiria disso, ou então ela não insistiria tanto o tempo todo. O que ela queria de mim? Eu conseguia imaginá-la me pedindo para *segurar as mãos dela para sempre, ficar com ela para sempre, só pensar nela* e *nunca mais olhar para nenhuma outra pessoa.* Francamente, tudo isso parecia tão *exaustivo*. Eu conseguia lidar com a ideia de viver minha vida sem outras pessoas, mas a perspectiva de ficar presa só com a Adachi, para todo o sempre, era… nada agradável.

Além disso, se eu seguisse essas instruções ao pé da letra, eu não seria mais eu mesma. Nesse ponto, será que ela ainda me amaria? O que ela amava em mim, para começo de conversa? Se eu perguntasse diretamente, ela poderia sair correndo. Por outro lado, na remota chance de ela me *dar* uma resposta, eu conseguia facilmente imaginá-la dizendo “Tudo!” ou algo igualmente vago e inútil.

“Tem algo na sua cabeça?” Yashiro perguntou de repente, me trazendo de volta à realidade. Olhei para baixo e vi dois globos azuis intocados me encarando de volta.

“Hã? Dá pra perceber?” *Que estranho. Eu achava que estava bem distraída.*

“Keh heh heh! Eu tenho visão de raio-X!”

Ela abriu os olhos o máximo que conseguiu… mas, para mim, os olhos dela pareciam só olhos normais, então eu não estava comprando essa. Na verdade, eles eram tão bonitos que eu não conseguia levá-la a sério.

“Você pode falar comigo sobre isso se quiser,” ela continuou, me encarando com aqueles olhos grandes. Pelo jeito que ela os estava arregalando, você pensaria que estariam vermelhos, mas não. O branco dos olhos dela era tão claro quanto um lago parado, com suas íris redondas de safira parecendo flutuar por cima. Ela era tão perfeita que eu não conseguia evitar me maravilhar com o fato de que ela era, de alguma forma, uma pessoa viva e que respirava, e não uma boneca.

Dito isso, a ideia de pedir conselhos a *Yashiro* me fez rir alto. Talvez se meus problemas envolvessem rosquinhas ou algo assim…

“Ei! Eu me importo com mais coisas além de rosquinhas!” ela protestou, fechando suas mãozinhas macias em punhos e balançando-as com um sorriso.

Eu a encarei em choque. Como ela poderia saber o que eu estava pensando?

“Eu amo todos os carboidratos igualmente!”

“… Sim, claro, querida.”

Eu acariciei o cabelo dela, e pequenas partículas de luz azul flutuaram suavemente entre meus dedos. Já dava pra sentir que isso ia dar errado, mas decidi perguntar mesmo assim.

“Por que você escolhe ser gentil com as pessoas?”

Uma criança como ela não teria segundas intenções. Certamente havia algo mais nisso.

“Porque eu gosto muito de vocês, terráqueos,” ela respondeu despreocupadamente, sem hesitar.

“Hmm.” Mais uma vez, como com a Iwaya-san, eu tinha perguntado à pessoa errada.

“Em particular, eu gosto especialmente de você e da Pequena. Sinto que compartilhamos a mesma frequência.”

“Entendi.”

Bem, isso foi direto. Desviei o olhar. Não tinha certeza se entendia o que ela queria dizer com *frequência*, mas a honestidade sem filtro dela me fez ficar

inquieta. Dito isso… o antigo eu também diria essas coisas. É estranho pensar que crescer de alguma forma me tornou *menos* capaz do que eu era antes.

“Você gosta de mim, Shimamura-san?”

“Hã? Bem, vejamos… Você é legal pra uma criança pequena.” Provavelmente diria o mesmo pra minha irmã também, se ela me perguntasse.

“Então isso nos torna amigas!” Yashiro declarou, sorrindo para mim enquanto se encostava no meu peito. E quando olhei de volta para ela, senti meus ombros relaxando enquanto um sorriso surgia no meu rosto.

A inocência dela era contagiosa e diferente de qualquer pessoa que eu já tinha conhecido… o que quer dizer que, normalmente, a maioria das pessoas supera essa fase. Foi por isso que minha personalidade e prioridades mudaram, e quando vi Yashiro rejeitando essa transição, isso me deixou… preocupada? Com ciúmes? Nostálgica pelos velhos tempos? Tudo isso junto, talvez. A pureza dela cortava meu coração como as garras de um gato. Mas ela não percebia isso, claro.

“Mmmhh!”

Quando estiquei as bochechas dela, elas *realmente* se esticaram. *Cara, eu poderia me viciar nisso.* Então, enquanto eu me divertia, minha irmã subiu as escadas pra nos dizer que tinha terminado a cota de dever de casa do dia.

“Oi, Pequena.”

“Terminou seu dever de casa, pequena?”

“Hmmm…” Ela franziu a testa pra cada uma de nós, uma por vez. “Vou ficar com a Yachi.”

“Tá bem…?” Por algum motivo, ela escolheu a Yashiro, mas não eu.

O tempo passou, e eu me peguei pensando no que elas estavam fazendo. “Fortalecendo a amizade” com lanches, se eu tivesse que chutar. Elas estavam se dando muito bem ultimamente, como ficava evidente pela ousadia com que a Yashiro se aproveitava da nossa família. Nos últimos tempos, ela aparecia para quase todas as refeições.

“Parece que ela vai acabar se mudando pra cá desse jeito…”

E, por algum motivo, ninguém na família parecia se importar com isso. Será que ela tinha colocado todos nós sob hipnose ou algo assim? *Eh, tanto faz.* Eu não tinha realmente um problema com ela. Afinal, azul era minha cor favorita.

Como minha irmã tinha terminado o dever de casa, não havia mais necessidade de eu ficar acampada aqui em cima… mas bem quando eu estava prestes a me levantar, meu telefone começou a tocar.

“Sim, sim, eu te ouço,” murmurei enquanto ele zumbia. Pensei que fosse a Adachi de novo, mas era a Tarumi. *Isso é incomum… Espera, não, não é.* Pensando bem, ela me ligava bastante. Enquanto eu me abaixava na frente do ventilador barulhento, atendi.

“Alô? Taru-chan?”

“Como vai, menina?”

“Como sempre…”

Enquanto minha voz estava letárgica no calor, a dela era animada e cheia de vida. Você pensaria que todos os delinquentes fossem mal-humorados e mimados, mas não essa, aparentemente.

“Só pensei em ligar já que faz um tempo que não conseguimos conversar.”

“Não conseguimos?”

“Quero dizer, tipo, eu não consegui te ligar.”

“Sério? Por quê?”

“Bem… sempre que eu tento, geralmente a linha está ocupada.”

O tom dela era meio passivo-agressivo. Por um momento, fiquei confusa, mas aí caiu a ficha.

“Quero dizer, não é como se eu tivesse te ligando *todo dia* ou algo assim!” ela continuou rapidamente. “Devo só ter um timing muito ruim ou algo do tipo.”

“Algo assim, acho!” Eu assenti.

Mas, na realidade, provavelmente era porque eu passava várias horas no telefone com a Adachi. Eu não tinha percebido isso até agora, então foi meio que um choque. Achava que tinha minhas amizades todas resolvidas, então nunca notei o quanto as coisas tinham ficado desequilibradas. Mas, pensando bem, sim… Ultimamente, minha atenção estava bem inclinada pro lado da Adachi.

“Nossa…”

Havia algo quase impressionante nisso — uma sensação repentina de liberdade, como se um resfriado forte tivesse desaparecido num instante. Ou como se eu tivesse encontrado um quarto secreto atrás de uma parede falsa na minha casa. Era empolgante de um jeito bom.

“O que foi?” ela perguntou.

“Umm…” Como eu poderia explicar? Meu instinto estava me dizendo pra não entrar em detalhes, pra evitar que as coisas ficassem complicadas.

Por que, oh, por que tem que ser tão difícil gerenciar minhas amizades?

Se você brinca demais com um brinquedo específico, suas mãozinhas gordurosas o deixam todo sujo — mas se não brinca o suficiente, ele fica empoeirado, e você pode até esquecer que ele existe. *Moderação é a chave*, como diz o ditado, mas quando se tratava de encontrar esse equilíbrio perfeito, eu tinha dificuldade. Se essa habilidade existia, não estava no meu repertório. Francamente, eu era preguiçosa demais para me importar.

“Bem, de qualquer forma… não era sobre isso que eu queria falar,” ela continuou.

“Ah, é?”

“É que tem um festival neste fim de semana… Na verdade, você provavelmente já sabe disso, né? O festival deste fim de semana?”

“Sim…?”

“E eu não te vi ultimamente… ou pelo menos, não desde que você voltou da sua viagem… então eu estava pensando que poderia ser uma boa… oportunidade…”

Então é disso que se trata — um convite pro festival. Mas dessa vez, Adachi tinha me convidado primeiro, e eu já tinha aceitado ir com ela.

Dito isso, Tarumi não era como a Adachi; se eu a convidasse pra ir junto com a gente, ela provavelmente não se importaria. Nesse caso, poderíamos aproveitar o festival como um trio… certo? *Não sei não,* disse uma vozinha insistente no fundo da minha mente. *Adachi não vai gostar. E se isso a fizer chorar?*

Quando pensei nisso dessa forma…

“Desculpa.” Mentalmente, pressionei um dedo na terra úmida e tracei uma linha na areia. “Mas eu já combinei de ir com outra pessoa.”

Do outro lado do abismo entre nós, eu podia ouvir um toque de pânico na respiração dela. Sua voz parecia tão distante.

“Ah, eu… entendi…”

“É…”

Desliguei o ventilador. Fiquei preocupada que talvez tivesse sido precipitada em recusá-la, já que não a deixei terminar de falar, mas acabou que eu estava certa.

“É tipo… sua irmã ou algo assim?”

“Não, uh, uma colega da escola.”

Foi a palavra mais insossa que eu poderia ter escolhido para descrever meu relacionamento com a Adachi. Certamente eu poderia ter escolhido qualquer outra coisa — *amiga, companheira de matar aula, colega excêntrica.* Essa *colega de classe* e eu passamos o último ano construindo algo especial juntas e fazendo isso brilhar. Ela me deu tanto, e, de alguma forma, eu nunca me cansava disso…

“Ah, l-le-legal, legal.” Enquanto isso, Tarumi arrulhava como um pombo. Mas eu podia perceber que havia mais que ela queria dizer.

“Então, é… eu não posso.”

Eu poderia ter suavizado e dito que gostaria de ir com ela, mas, em vez disso, escolhi não fazer isso. Eu não entendia completamente o que isso significava, nem via aonde isso levaria. Mesmo assim, me comprometi a ampliar o abismo.

“Sem chance, né?”

Sem chance. A tensão pairava pesada no ar, mas eu não sentia arrependimento.

Felizmente, a ligação terminou logo depois disso. Suspirei fundo, e meus ombros caíram. O peso de todos esses relacionamentos interpessoais fazia meus ossos rangerem. Ainda assim, depois que soltei todo o ar e encarei o chão por um tempo, senti um fardo se levantando. Pensando bem, talvez nós, humanos, entulhássemos coisas demais em nossas vidas. Talvez fosse esse peso invisível que nos fazia desenvolver a doença terminal conhecida como preguiça.

Coloquei meu telefone de lado e desci as escadas. Então ouvi barulhos vindo da cozinha, e depois dei uma espiada lá dentro. Como esperado, encontrei minha mãe cortando uma cebola.

“Ei, mãe, você me emprestaria um dos seus yukatas depois?”

“Como é que é?”

“Quero usar um no festival deste fim de semana,” expliquei casualmente… e ainda assim sentia uma dor no peito. Era difícil para mim pedir diretamente as coisas que eu queria; isso me fazia sentir dolorosamente vulnerável. Era um sentimento que só comecei a ter depois que cheguei aos dois dígitos de idade, e fazia um tempo que eu não lidava com isso tão intensamente.

“Claro, sem problema. Então, o que te fez mudar de ideia? Da última vez você não estava interessada.”

“Mmm, só tô com vontade?”

Ela me olhou com ceticismo enquanto cortava a cebola. Por que ela sempre tinha que apontar todas as coisas que eu não queria que ela notasse? Talvez fosse assim que os pais funcionavam. Eles passavam muito tempo com a gente, então podiam detectar facilmente cada pequena mudança.

“Além disso, da última vez que eu fui, literalmente *todo mundo* estava de yukata menos eu.”

“Ha ha ha! Eu tentei te avisar, mas você nunca escuta!” ela zombou, como se sempre soubesse de tudo. Mas claro, minha querida mãe nunca deixava uma coisinha como *compaixão* atrasá-la. “Então agora você vai a *outro* festival?”

“Fui convidada, então, sim.”

“Foi convidada, hein?”

Por algum motivo — talvez porque eu tinha recusado a Tarumi? — eu me senti estranhamente culpada.

“De qualquer forma, obrigada desde já,” soltei enquanto saía correndo da cozinha. Eu não tinha feito nada de errado, nem minha mãe, e ainda assim, quando saí do alcance da vista dela, meu passo acelerou. Minhas pernas estavam inquietas, como se algo estivesse me instigando.

Eu não tinha mentido pra ela. Tudo o que eu disse lá atrás era verdade. Mas *havia* mais um motivo, se é que dava pra chamar assim. Mais uma vontade repentina, na verdade.

Só achei que isso deixaria a Adachi feliz.